



## Comunicação Oral

### REVISÃO DE LITERATURA ACERCA DO MAL-ESTAR DOCENTE

Samanta Antunes KASPER – UNESP/ PPGE-FCT/Presidente Prudente  
Renata Portela RINALDI - UNESP/FCT/Presidente Prudente

**RESUMO:** Este texto analisa dados de teses e dissertações que se encontram publicadas no Banco de Dados de Teses e Dissertações (BDTD) no período de 2000 a 2016. O estudo tem por objetivo verificar o que os textos produzidos no período revelam sobre o mal-estar docente, para tal utilizou-se da técnica de pesquisa denominada como “estado do conhecimento”. Ao todo 51 trabalhos foram analisados, sendo 8 teses e 43 dissertações. Para chegarmos a esse total nos valem do descritor “mal-estar docente” e da leitura dos resumos, introduções e conclusões dos documentos. Os resultados apontam que os fatores que geram o mal-estar docente dividem-se em alta, média e baixa frequência. No que se refere aos fatores de alta frequência, os aspectos mais emergentes foram: o desprestígio/ desvalorização social e os baixos salários. No que tange aos fatores que apareceram com frequência média foram a escassez de recursos e o descaso da família dos alunos. Por fim, entre os fatores que compareceram em menores números destacam-se os problemas de aprendizagem, a autoculpabilização e a imposição da lei/ falta de autonomia. Observou-se que esses elementos trazem inúmeras implicações sobre o trabalho dos professores e que apesar de o “mal-estar docente” ocupar regularidade entre as análises dos pesquisadores da educação, o mesmo ainda é uma realidade frequente entre os professores em exercício no magistério.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mal-estar docente. Trabalho docente. Implicações sobre o trabalho dos professores

### INTRODUÇÃO

Este estudo vincula-se a etapa de levantamento bibliográfico e revisão de literatura da pesquisa em andamento, desenvolvida em nível de mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio





de Mesquita Filho”, na Faculdade de Ciências e Tecnologia campus de Presidente Prudente, intitulada “Mal-estar e trabalho docente na escola de tempo integral”. O objetivo foi mapear as produções acadêmico-científicas referente a temática do mal-estar docente de professores que atuam na educação básica brasileira, tomando como base dissertações e teses publicadas no Banco de dados de Teses e Dissertações (BDTD) no período de 2000 a 2016. Essa base de dados foi selecionada, pois apresenta pesquisas convalidadas e analisadas por banca, entretanto futuramente outras bases de dados serão consultadas, pois a pesquisa encontra-se em fase inicial.

A questão do mal-estar docente tem sido pesquisada há alguns anos. Durante as décadas de 1980 e 1990, pesquisas na área educacional demonstravam que as problemáticas e os obstáculos da Educação tinham como foco principal os discentes, já que o processo educativo era centrado nos mesmos. Entretanto, era necessário levar em consideração o profissional docente e aprofundar-se nas questões referentes a ele. Assim, iniciaram-se pesquisas sobre o exercício da docência e começaram a surgir, especialmente na Europa, discussões sobre as diversas dificuldades encontradas pelos professores, uma vez que a profissão docente já não era mais tão atraente. Desse modo, a figura do professor e suas práticas pedagógicas começaram a receber uma maior atenção dos pesquisadores (RINALDI, 2016; CUNHA, 2013; DINIZ-PEREIRA, 2013; ANDRÉ, 2010). Debates sobre a insatisfação dos professores e suas condições de trabalho, carga horária e salário eram cada vez mais comuns. Contudo, foi somente a partir da década de 1990 que os debates ganharam mais força, e fatores que teriam contribuído para a propagação do desencanto em ser professor ficaram mais evidentes.

Apesar das inúmeras pesquisas existentes sobre o tema do mal-estar docente, o mesmo ainda continua sendo uma realidade e as pesquisas referentes a essa temática não param de crescer. Dessa forma, tendo em vista o expressivo número de pesquisas sobre o assunto, a necessidade de contextualização e compreensão do objeto investigado, consideramos necessário o levantamento de estudos que abordam



essa temática, a fim de compreender melhor o que as teses e dissertações brasileiras revelam sobre o tema na contemporaneidade.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo enquadra-se como Estado do Conhecimento, uma vez que realizamos uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de mapear/discutir certa produção acadêmica de certo período e sobre um tema, com o objetivo de responder quais os aspectos e dimensões vêm sendo destacados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas as dissertações, teses, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e seminários (FERREIRA, 2012).

A partir da análise dos títulos, palavras-chave das teses e dissertações do BDTD foram selecionados apenas os estudos que tratassem do tema mal-estar docente na educação básica. Quando utilizamos os descritores “mal-estar docente; educação básica” apenas 11 trabalhos foram encontrados, ou seja, um número reduzido se considerarmos o número de pesquisas concluídas sobre a temática. Assim, refizemos a busca e utilizamos apenas o descritor “mal-estar docente” e encontramos um total de 102 trabalhos. Como nosso intuito era selecionar apenas os trabalhos com professores da educação básica, foi necessário realizar uma leitura dos resumos para seleção daqueles que comporiam o *corpus* a ser analisado, devido à falta de clareza do tema nos títulos e nas palavras-chave em alguns estudos. Foram selecionados ao final 51 estudos no período compreendido entre 2000 a 2016, sendo 8 teses e 43 dissertações.

Após a seleção, iniciou-se uma nova etapa de análise do material selecionado, em que foi realizada novamente a leitura dos resumos, entretanto, dessa vez expandimos a leitura para a seção de introdução e conclusão dos textos para que pudéssemos compreender o que as teses e dissertações apontam sobre o mal-estar docente da educação básica.

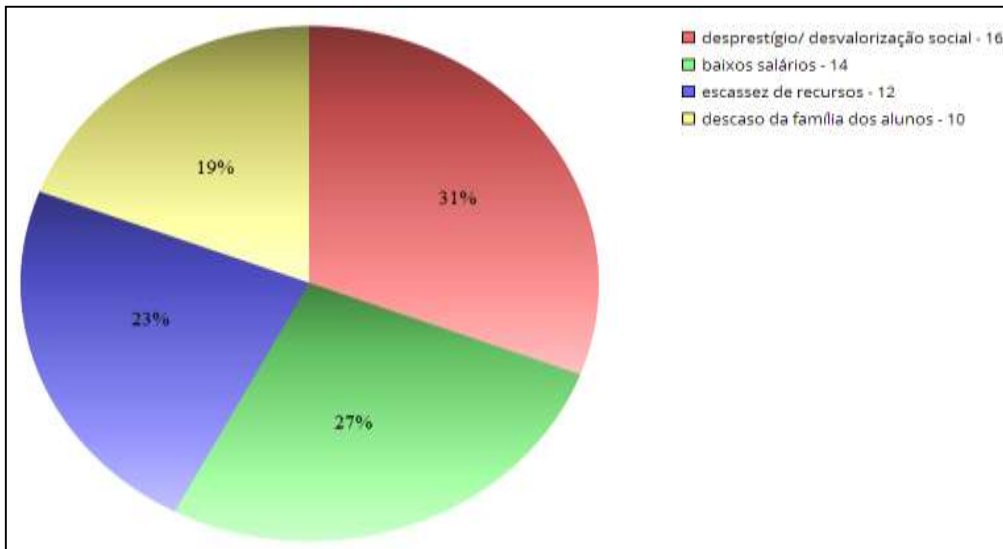
## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**







**Gráfico 1: Fatores com alta frequência que geram o mal-estar docente.**



Fonte: Elaborado pelas autoras (2017).

No que tange os elementos que apareceram com frequência média podemos destacar a longa jornada de trabalho, a indisciplina, a ausência de trabalho coletivo, a inclusão de alunos com deficiência, a sobrecarga de trabalho e a agressividade e violência (Gráfico 2).

**Gráfico 2: Fatores com média frequência que geram o mal-estar docente**



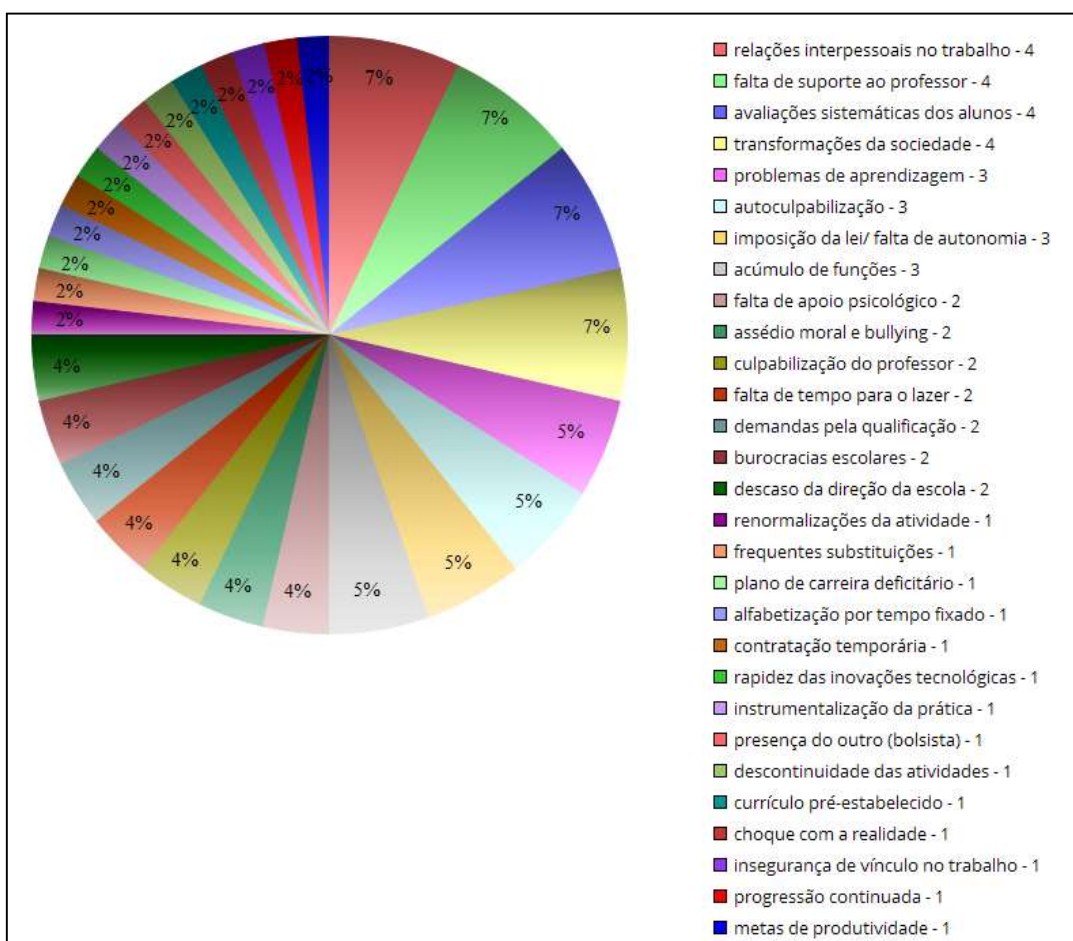




Fonte: Elaborado pelas autoras (2017)

Quando analisamos os fatores que compareceram em números reduzidos, observam-se os problemas de aprendizagem, a autculpabilização, a imposição da lei/ falta de autonomia e o aumento da responsabilidade por conta das diversas funções exercidas (Gráfico 3).

**Gráfico 3: Fatores com baixa frequência que geram o mal-estar docente**



Fonte: Elaborado pelas autoras (2017).

Como é possível observar no gráfico 1, quatro fatores de alta frequência foram encontrados. A questão do desprestígio social e dos baixos salários na maioria das vezes foi concomitante, entretanto o desprestígio social acabou sobressaindo. Esse



sentimento de desvalorização se dá justamente por conta da baixa remuneração, da extenuante carga horária de trabalho, da ausência de recursos materiais, entre outros. A questão da desvalorização foi abordada por Lima (1996), quando concluiu que a educação tornou-se um tema em que todos os grupos sociais se veem no direito de opinar, resultando como destaca Bourdieu (1978, apud Lima, 1996), no desprestígio dos títulos dos profissionais da educação. Essa vulgarização dos assuntos educacionais influencia diretamente no trabalho do professor, uma vez que o mesmo se sente sem autoridade para tomar decisões que julgam corretas.

Alguns dados chamaram nossa atenção, como o descaso por parte da família dos alunos que se enquadraram no Gráfico 1. Esse fator ficou a frente da longa jornada e da indisciplina que costumam receber muitas queixas por parte dos professores, esses se enquadraram no Gráfico 2. Pereira (2011) ressalta a que ausência de participação da família do aluno, contribui com o mal-estar docente na medida em que a família atribui a tarefa de educar seus filhos como exclusividade do professor. Esse fato alinha-se a modificação do papel do professor (ESTEVE, 1999) que resulta em um acúmulo de funções docentes e, também, em um aumento de exigências em relação aos mesmos.

Em relação às fontes de mal-estar que comparecem com baixa frequência notamos que muitos fatores compareceram nas pesquisas apenas uma vez, como é o caso da contratação temporária, do currículo pré-estabelecido e da rapidez das inovações tecnológicas. Nauroski (2014) analisou a condição dos professores temporários (PSS) no Paraná em sua tese e constatou que:

Os professores, de modo geral, estão adoecendo e os PSS, quando adoecem, sofrem duplamente, primeiro pelas diferentes moléstias que os afligem e, segundo, de seu vínculo e os limites do seu contrato ao restringir seus direitos, como foi mostrado evidenciado, quando fizemos essa análise (NAUROSKI, 2014, p. 248).



Ainda de acordo com o autor, os professores no regime de trabalho PSS temem o futuro incerto do trabalho, tal elemento contribui com a sujeição e a resignação dos mesmos, potencializar o mal-estar nessa categoria docente (NAUROSKI, 2014).

O fator da contratação temporária pode ser considerado inovador nas pesquisas sobre o tema, considerando que o mesmo não costuma ser frequentemente abordado. Em nosso levantamento, conseguimos encontrar outras temáticas que seguem a mesma linha, entre elas a inclusão escolar de estudantes público-alvo da Educação Especial. Por exemplo, Bomfim (2008) revela que a inclusão de alunos com deficiência do ensino regular pode vir a provocar o mal-estar nos professores. Apesar de a autora destacar que a proposta de inclusão apenas acelerou o processo de eclosão de uma série de inquietações que vinham sendo sustentadas pelos professores há muito tempo, como por exemplo, a desvalorização profissional, os baixos salários, a falta de tempo para a capacitação, a excessiva carga horária, a ausência de material didático e a não participação da família do aluno. A autora destaca que:

O mal-estar vivenciado pelo professor é similar ao sentido pelos alunos com deficiência ou todos os demais que não possuem um lugar social. Nem a criança está na escola, nem o professor consegue reaver o respeito e o reconhecimento profissionais que tinha na sociedade (BOMFIM, 2008, p. 223).

Outro trabalho explora a questão da progressão continuada e como essa prática influencia o mal-estar docente (MAIRESSE, 2003). Constatou-se que o professor sofria quando o aluno não aprendia, que os conflitos entre os professores e alunos aconteciam frequentemente e que o adoecer dos docentes resultava em licenças médicas.

A questão da ausência do trabalho coletivo também foi abordada em um estudo como uma das causas do mal-estar docente (DAMASCENO, 2002). A pesquisa mostrou que a troca de experiências que costuma ser enfatizada como uma das estratégias mais comuns para a construção de saberes dos professores e que auxilia





no gerenciamento dos desafios da prática pedagógica entre pares encontra-se inibida na escola e que a cultura do individualismo é muito mais exercida do que a prática de trabalho coletivo.

Ainda, no estudo de Mendes (2015), no que se refere à avaliação externa, no caso o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) verificou-se que a avaliação colabora para o sentimento de fracasso profissional, resultando em um adoecimento dos docentes. A autora ressalta que as avaliações externas contribuem para o fracasso educacional, uma vez que o desempenho escolar não é visto em sua “natura real”, além do fato de os professores, alunos ou escola serem premiados ou punidos dependendo da nota atingida. Ainda sobre a temática, Cunha (2015) observou que os debates sobre avaliações externas ocupam uma grande parte do tempo da Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC) da escola, fazendo com que esse momento privilegiado que tem como objetivo providenciar uma formação continuada do docente acabe priorizando a discussão dos resultados das avaliações externas e maneiras de aprimorá-los. Como consequência, o Projeto Político-Pedagógico (PPP) é posto em segundo plano, as metas e índices a serem atingidos são priorizados.

Na realidade, essas avaliações estimulam a competitividade entre os docentes, uma vez que eles recebem o bônus de mérito, caso venham a atingir o resultado desejável. Desse modo, o trabalho coletivo é minimizado pelas avaliações externas que pouco dizem sobre o trabalho realizado na escola e funcionam mais com um mecanismo de controle. Cunha (2015, p. 414) ressalta que “as propostas inovadoras de trabalho expressas no PPP passam a ser atitudes marginais, uma subversão da ordem padronizadora das avaliações externas que levam ao treinamento dos alunos para os testes”.

No que tange a educação integral, o outro pilar de nossa pesquisa, apenas uma tese que discute o mal-estar docente em professores que atuam na educação integral foi encontrada. Os resultados demonstraram que além de esses professores sofrerem com indicadores de mal-estar já comuns, há fatores específicos das escolas de tempo



integral que contribuem com o mal-estar, por exemplo, a presença do bolsista, que tende a desestabilizar o docente, uma vez que a inserção do outro implica no esvaziamento do seu poder-saber. Os professores destacam, também, a descontinuidade das atividades desenvolvidas como uma das muitas fragilidades do projeto. Há ressalvas quanto ao tempo de permanência dos alunos nas escolas, de acordo com os docentes é necessário que o tempo seja utilizado de forma diferenciada, viabilizando assim o atendimento às demandas específicas da formação integral (OLIVEIRA, 2012).

No tocante aos sintomas que constituem o mal-estar docente, os que mais aparecem nos trabalhos analisados são os sentimentos de desajustamentos e insatisfação, angústia, estresse e sintomas físicos. Além disso, as pesquisas revelam que grande parte das doenças pelas quais os docentes se afastam do trabalho são as de ordem psicológica, sendo a depressão a de maior ocorrência entre os professores.

## CONCLUSÃO

A partir dos resultados da pesquisa identificou-se que muitos trabalhos versam sobre a temática do mal-estar docente. Os estudos analisaram o problema a partir de diferentes indicadores. No que se refere às causas, percebemos que os fatores que geram o mal-estar aparecem em frequência alta, média e baixa. Podemos destacar a questão do desprestígio social e dos baixos salários em meio aos fatores de alta frequência. Entre os indicadores de frequência média encontram-se a longa jornada, a indisciplina e a inclusão do aluno com deficiência. O gráfico de fatores de frequência média apresentou uma grande diversidade, 29 indicadores de mal-estar foram encontrados, são exemplos: as relações interpessoais no trabalho, a falta de suporte ao professor e as avaliações sistemáticas dos alunos.

Percebeu-se também que o mal-estar, em geral, não é analisado articulado às políticas educacionais, apesar de as mesmas influenciarem diretamente o trabalho docente e funcionarem como catalizadores da intensificação e precarização do



trabalho dos professores. Acreditamos que os achados iniciais que levam ao mal-estar estão diretamente ligados à implantação ou não das políticas educacionais.

Apesar das inúmeras pesquisas existentes sobre o mal-estar docente, o mesmo ainda continua sendo uma realidade entre os profissionais em exercício na educação básica. Nesse sentido, acreditamos ser pertinente a realização de mais estudos sobre o tema, articulando-o com as políticas públicas e educacionais. Por fim, essa etapa de pesquisa foi importante para compreendermos o que as teses e dissertações revelam sobre o mal-estar docente para que possamos dar continuidade a nossa dissertação que abordará a questão do mal-estar e trabalho docente na escola de tempo integral.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set./dez. 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8075/5719>. Acesso em: 21 jan. 2017.

BOMFIM, A. P. **A escuta na escola inclusiva: saberes e sabores do mal-estar docente**. 2008. 245f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Educação, Brasília.

CUNHA, M. I. O tema da formação de professores: trajetórias e tendências do campo na pesquisa e na ação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.39, n.3, p.609-625, jul./set.2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/aop1096.pdf> . Acesso em: 21 jan. 2017.

CUNHA, R. C. O. B.; BARBOSA, A; FERNANDES, M. J. S. Implicações das avaliações externas para o trabalho docente coletivo. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 26, p. 386-416, 2015.

DAMASCENO, A. R. **Da formação no corredor ao corredor de formação: a troca de experiência como alternativa para a gestão dos dilemas e desafios da prática pedagógica**. 2002. 202 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais. Curso de Pós-graduação em Educação, Belo Horizonte.



DINIZ-PEREIRA, J. E. A construção do campo da pesquisa sobre formação de professores. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador**, v. 22, n. 40, p. 145-154, jul./dez. 2013

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, Antônio (org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Editora, 1999, p. 93-124.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 79, ago. 2002. p. 257-272.

LIMA, J. A de. O papel do professor nas sociedades contemporâneas. **Educação, Sociedade & Culturas**, n. 6, 1996, p. 47-72.

MAIRESSE, C. P. d. P. G. **Uma leitura psicanalítica da prática docente em turmas de progressão**. 2003. 142 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre.

MENDES, M. L. M. **A tradução do fracasso: burnout em professores do Recife**. 138f. 2015. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Recife.

OLIVEIRA, R. R. de. **Educação integral: cartografia do mal-estar e desafios para a formação docente**. 2012. 211 f. Tese (doutorado) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Educação, Brasília.

PEREIRA, F. F. S. **Indicadores de mal-estar docente em escolas públicas municipais de Salvador**. 2011. 121f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador.

SANTOS, Y. M. dos. **Do mal-estar docente de professores do ensino médio: contribuições de Nietzsche e Freud**. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-graduação em Educação, Catalão.

RINALDI, R. P. Formação de professores: algumas considerações sobre o campo de pesquisa. In: MILITÃO, A. N.; SANTANA, M. S. R. (Orgs.). **Intersecções entre pesquisas/pesquisadores experientes e pesquisas/ pesquisadores iniciantes no campo educacional**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016. p. 79-98